

um solo de BRUNA LONGO

CRIATURA

-u-m-a a-u-t-ó-p-s-i-a-



profanar túmulos, imaginar vidas

reflexão crítica de amilton de
azevedo sobre "Criatura, uma
Autópsia", de Bruna Longo

ruína acesa
ruína acesa
Sep 19 · 4 min read

[com colaboração de Andréa Martinelli na
edição]



Frankenstein. Curioso pensar que este nome remete, muitas vezes, à criatura e não ao criador. A história escrita por Mary Shelley, muito conhecida e talvez pouco lida, é ponto de partida para *Criatura, uma Autópsia*, de Bruna Longo. O programa do espetáculo contextualiza não apenas a pesquisa de Longo, mas também a vida de Shelley e sua obra *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* e apóia a recepção da peça

O processo criativo iniciou-se pelo interesse de Longo na solidão da criatura. A artista viu os rumos de seu trabalho se transformarem ao entrar em contato com a biografia de Shelley — ela teve acesso aos manuscritos originais da autora e de sua família, guardados na Universidade de Oxford. O projeto é absolutamente autoral: a atriz assina concepção, dramaturgia e trilha, além de dividir o

cenário com Kleber Montanheiro e ter Larissa Matheus colaborando com os objetos.

Surge uma relação interessante na construção de monólogos que partem de anseios pessoais. A artista cerca-se de provocadores e colaboradores para nutrir o trabalho com um olhar de fora, mas sem perder a total autonomia da criação. Para além de qualquer valoração, o resultado é fruto dos desejos e caminhos definidos pela pessoa que concebeu o projeto.

Em *Criatura, uma Autópsia*, Longo estrutura o solo principalmente sobre uma dramaturgia física, mesmo que haja uma densa textualidade. A fisicalidade da encenação se evidencia quando a atriz se torna a criatura de Frankenstein. Intérprete hábil, constrói a trajetória de toda uma existência angustiada sem usar palavras. Porém, este dado já está

relação ao espaço — e fundamentalmente nas ações com os objetos — que comporta uma intrincada narrativa.



Bruna Longo em “Criatura, uma Autópsia” / foto: Danilo Apoena

No tensionamento entre vida e obra, emerge como central a relação de artistas com o mundo que os circunda. Assim como em *Frankenstein*, a busca da criação — aqui artística — também se relaciona com criar vida a partir das perdas. *Criatura* sobrepõe biografia, invenção e

romance na reflexão acerca dos túmulos que profanamos constantemente.

O mundo pode ser visto como um cemitério de lembranças. Lugares e momentos muitas vezes se enterram em nossas memórias e podem ser evocados ou evitados. Na arte, muitas vezes, não é possível fugir do que nos constitui. Shelley, na introdução de uma edição de *Frankenstein*, questiona-se sobre como uma garota tão jovem pode escrever algo tão terrível — ela tinha apenas 19 anos à época. O olhar inquieto e aprofundado de Longo sobre sua biografia permite que *Criatura* sugira hipóteses.

A mãe da autora, Mary Wollstonecraft, uma das vozes de um movimento feminista ainda emergente no norte do mundo, veio a falecer dez dias após o parto. Desde o nascimento, a vida de Mary

Shelley foi acompanhada e cercada da morte. O espetáculo de Longo passeia por estas histórias, entre diários, trechos de *Frankenstein* e poucas inserções da atriz. Neste sentido, é bem-vindo o subtítulo *uma Autópsia*.

Não se trata de obra biográfica, tampouco se narra a — complexa — história do romance. *Criatura* se localiza neste lugar de busca; da relação entre doutor e criatura, criador e criação. Assim, no trânsito entre as camadas da narrativa, por vezes alguns dados podem não ser compreendidos de imediato — momentos específicos podem gerar certa confusão, mas nada que interfira na relação do público com o espetáculo.

No cenário de Longo e Montanheiro, uma diagonal é estabelecida pelo contorno de duas correntes. A delimitação do espaço potencializa os momentos em que a atriz transgride esses limites. Para além de ações específicas, porém, há outras em que a corrente parece ser algo demasiado simples de ser atravessada, o que gera certo ruído.

Nas pontas da diagonal, constroem-se dois nichos. Ao fundo, parecem acumular-se os materiais da vida de Shelley.

Representações de suas dores, pulsões e perdas. Na frente, os instrumentos; entre o rudimentar, o místico alquímico, a pena e o papel, as possibilidades de criar vida. A trilha, que também é concebida por Longo, apresenta-se às vezes como uma sonorização perturbadora.

Criatura, uma Autópsia faz poucas concessões ao espectador. O silêncio inicial, o uso das narrações em *off* e um importante dar-se o tempo para as explicações — ou contextualizações. Há muito do não-dito na dramaturgia, da solidão, da morte; das formas de se lidar com as dores inomináveis do mundo. A arte, essa criatura que muitas vezes não pede para nascer, segue buscando seus caminhos.



TRANSLATION

desecrate tombs, imagine lives

09/19/2019 By Amilton De Azevedo

review of “Creature, an Autopsy”, solo by Bruna Longo

Frankenstein. It is curious to think that this name often refers to the creature and not the creator. The story written by Mary Shelley, well known and perhaps little read, is the starting point for *Creature, an Autopsy*, by Bruna Longo. The show's program contextualizes not only Longo's research, but also Shelley's life and her work *Frankenstein* or the *Modern Prometheus* and supports the reception of the play.

The creative process began with Longo's interest in the creature's solitude. The artist saw the direction of her work change when she came into contact with Shelley's biography—she had access to the original manuscripts of the author and her family, kept at Oxford University. The project is absolutely authorial: the actress signs conception, dramaturgy and soundtrack, in addition to sharing the set design with Kleber Montanheiro and having Larissa Matheus collaborate with the objects.

An interesting relationship emerges in the construction of monologues that start from personal desires. The artist surrounds herself with provocateurs and collaborators to nourish the work with an outsider's eye, but without losing the total autonomy of creation. In addition to any valuation, the result is the result of the desires and paths defined by the person who conceived the project.

In *Creature, an Autopsy*, Longo structures the ground mainly on a physical dramaturgy, even though there is a dense textuality. The physicality of the staging is evident when the actress becomes Frankenstein's creature. Skilled interpreter, she builds the trajectory of an entire anguished existence without using words. However, this data is already present from the beginning. It is her body in relation to space — and fundamentally in her actions with objects — that comprises an intricate narrative.

In the tension between life and work, the relationship between artists and the world around them emerges as central. As in *Frankenstein*, the search for creation—here artistic—also relates to creating life out of loss. *Creature* overlaps biography, invention and romance in the reflection about the tombs that we constantly profane.

The world can be seen as a graveyard of memories. Places and moments often burrow into our memories and can be evoked or avoided. In art, it is often not possible to escape from what constitutes us. Shelley, in the introduction to an edition of *Frankenstein*, wonders how such a young girl could write something so terrible—she was only 19 at the time. Longo's restless and in-depth look at her biography allows *Creature* to suggest hypotheses.

The author's mother, Mary Wollstonecraft, one of the voices of an emerging feminist movement in the north of the world, died ten days after giving birth. From birth, Mary Shelley's life has been accompanied and surrounded by death. Longo's show walks through these stories, among diaries, excerpts of Frankenstein and a few insertions by the actress. In this sense, the subtitle an Autopsy is welcome.

This is not a biographical work, nor is the story of the novel narrated. Creature locates itself in this search place; of the relationship between doctor and creature, creator and creation. Thus, in the transit between the layers of the narrative, sometimes some data may not be understood immediately—specific moments can generate some confusion, but nothing that interferes in the relationship between the audience and the show.

In the Longo and Montanheiro set design, a diagonal is established by the contour of two chains. The delimitation of space enhances the moments when the actress transgresses these limits. In addition to specific actions, however, there are others in which the chains seem to be something too simple to cross, which generates some noise.

At the ends of the diagonal, two niches are built. In the background, the materials of Shelley's life seem to accumulate. Representations of pains, drives and losses. At the front, the surgical instruments; between the rudimentary, the alchemical mystic, the pen and paper, the possibilities of creating life. The track, which is also conceived by Longo, sometimes presents itself as a disturbing sound.

Creature, an Autopsy makes few concessions to the viewer. The initial silence, the use of off-screen narrations is important to allow time for explanations—or contextualizations. There is much of the unsaid in the dramaturgy, of loneliness, of death; of ways to deal with the unspeakable pains of the world. Art, this creature that often does not ask to be born, continues to seek its paths.

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

domingo, 1 de setembro de 2019

CRIATURA – UMA AUTÓPSIA



O artista que muito jovem escreve sua obra prima fica marcado por ela pelo resto de sua vida. Com Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) não aconteceu diferente. Ela tinha apenas 21 anos quando escreveu Frankenstein e essa é a obra pela qual ela será sempre lembrada. Apesar de muito jovem Mary já tinha uma experiência de vida e já havia perdido dois filhos, mesmo assim é surpreendente pensar em sua imaginação ao criar personagem tão monstruoso.

Bruna Longo concebeu um espetáculo onde coloca frente a frente criadora e criatura e em apenas uma hora dá ao espectador uma boa ideia da vida de Mary Shelley e de seu personagem mais famoso. Pequenininha em tamanho, Bruna se agiganta em cena colocando seu corpo e sua límpida dicção (como é bom entender cada sílaba que o ator diz!) a serviço de seus personagens. Contribuem para o sucesso da empreitada a lúgubre ambientação cênica criada pela atriz e por Kleber Montanheiro; assim como os adereços que compõem a cena trazidos também por Bruna com a colaboração de Larissa Matheus; a precisa

iluminação de Rodrigo Silbat e a poderosa trilha sonora escolhida também por Bruna. Todos esses elementos harmoniosamente somados oferecem a moldura perfeita para a intérprete que transitando entre o criador e a criatura mostra pleno domínio de cena e oferece ao espectador uma marcante interpretação com base no assim chamado teatro físico.



Foto de Danilo Apoena

Para quem não conhece detalhes da vida de Mary Shelley a primeira parte da peça pode soar confusa, principalmente pelo fato de uma parte da história ser narrada em off e outra pela atriz em cena. Uma leitura prévia do texto incluso no programa ajudaria, mas o mesmo só é entregue quando se entra na plateia.

CRIATURA – UMA AUTÓPSIA encerrou sua temporada na Oficina Cultural Oswald de Andrade no dia 31/08, mas fará **QUATRO SESSÕES EXTRAS** no mesmo local no mês de setembro. Fique de olho nas datas e horários (Telefone: 3222-2662)

TRANSLATION

Sunday September 1, 2019

By José Cetra

CREATURE - AN AUTOPSY

The artist who writes his masterpiece at a very young age is marked by it for the rest of his life. With Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) it was no different. She was just 21 years old when she wrote Frankenstein and this is the work she will always be remembered for. Although very young Mary already had a life experience and had already lost two children, even so it is surprising to think of her imagination when creating such a monstrous character.

Bruna Longo conceived a show where she puts creator and creature face to face and in just one hour gives the viewer a good idea of the life of Mary Shelley and her most famous character. Small in size, Bruna looms large on stage, putting her body and her limpid diction (how good it is to understand each syllable the actor says!) at the service of her characters. The dismal scenic setting created by the actress and Kleber Montanheiro contributed to the success of the project, as well as the props that make up the scene - also brought by Bruna with the collaboration of Larissa Matheus, the precise lighting by Rodrigo Silbat and the powerful soundtrack also chosen by Bruna. All these elements harmoniously added together offer the perfect frame for the performer who, moving between creator and creature, shows full mastery of the scene and offers the spectator a remarkable interpretation based on the so-called physical theatre.

For those who don't know the details of Mary Shelley's life, the first part of the play can sound confusing, mainly due to the fact that part of the story is narrated off-screen and another by the actress on stage. A previous reading of the text included in the program would help, but it is only delivered when you enter the audience.



GERAL CLIPPING MEMÓRIAS REFLEXÕES MINHAS SUGESTÕES
O QUE ESTOU LENDO PERSONAGENS PARA A IMPRENSA



Início → GERAL → ESPECIAL: Os melhores do teatro em 2019 (até agora)

A crítica Kyra Piscitelli, do Prêmio Aplauso Brasil e da APCA, também elencou dois atores e duas atrizes como revelações do ano. Segundo a crítica, as atrizes que brilharam em 2019 foram **Nicole Marangoni** e **Bruna Longo**. Sobre o trabalho de Nicole, Kyra afirma que a atriz “transformou suas vivências com o luto de seu pai em um projeto teatral solo, autoral e forte, encenado em uma sala de aula da Aliança Francesa do centro”. “Eu/Telma” não teve direção e sim mentoria de mulheres consagradas do teatro: Evinha Sampaio, Janaína Leite, Naiene Sanchez e Rhena de Faria”.

A respeito de Bruna Longo, Kyra destaca que “com carreira

consolidada, colocou o próprio projeto em cena pra experimentação do público e depois temporada na Oswald de Andrade. ‘Criatura, Uma Autópsia’ é símbolo dos nossos tempos, em que os atores têm se lançado mais em projetos solos, autorais, com recursos próprios no resumo ‘se eu não fizer, não farão por mim’”.

TRANSLATION

Terras de Cabral – Blog do Ivan

Kyra Piscitelli

December 2019

Critic Kyra Piscitelli, from the Aplauso Brasil and APCA Awards, also listed two actors and two actresses as revelations of the year. According to the critic, the actresses who shined in 2019 were Nicole Marangoni and Bruna Longo. About Nicole's work, Kyra says that the actress "transformed her experiences with her father's grief into a solo, authorial and strong theatrical project, staged in a classroom of the Alliance Française downtown". "Eu/Telma" was not directed but mentored by renowned women in the theater: Evinha Sampaio, Janaína Leite, Naiene Sanchez and Rhená de Faria".

About Bruna Longo, Kyra emphasizes that "with a career consolidated, put the project itself on the scene to audience experimentation and then season at Oswald de Andrade. "Creature, Uma Autopsy" is a symbol of our times, in which actors have been more involved in solo, authorial projects, with their own resources in the summary "if I don't do it, they won't do it for me".

MonoFest'22



Creature, An Autopsy

Brezilya

Oyuncu: Bruna Longo

Bu akşam 20:30

MonoFest'22

MonoFest'22

5. ULUSLARARASI TEK KİŞİLİK OYUNLAR FESTİVALI

23 - 28 AĞUSTOS 2022

tiyatromedresesi.org [/tiyatromedresesi](https://www.instagram.com/tiyatromedresesi) [/themedrese](https://www.facebook.com/themedrese)

Fragile - Fransa

Birth Preparation Course - Kanada

Dreams of Hamlet - Rusya

Sabre - Avustralya

Creature, an Autopsy - Brezilya

was? wenn nichts wird aus mir - Avusturya

Lola Montez - Sırbistan

Birding - Yunanistan

Poro - Almanya

Hans Schmier - İtalya

Workshop: The Dilated Body: Training for Actors

Workshop: Jinen Butoh (Live music by Gerardo Vitale)

Workshop: Commedia dell'Arte

Workshop: Body / Objects-Material

Seminer: Tragedya - Ferda Keskin

Konser: Serhan Erkol



PALCO 2

O público entra. Instala-se.
Olhares curiosos. As luzes morrem.
No palco, há uma atriz — “criadora e criatura”.

Por Airton Ramos

Bruna Longo

CRIATURA

O público entra. Instala-se. Olhares curiosos. As luzes morrem. No palco, há uma atriz — "criadora e criatura". A viagem-proposta da peça é uma «fricção entre o romance Frankenstein, Ou O Prometeu Moderno e a vida de sua autora Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley).»[1] E o espetáculo irrompe com um grito — que nos inquieta e dilacera. Uma narrativa-peça (des)construída — quão puzzle — sobretudo — sobre ELA e ELE!

Mary Wollstonecraft Shelley nasceu em Somers Town, em Londres, no dia 30 de agosto de 1797. A sua vida é marcada pela sombra da morte. A mãe de Mary morre 10 dias depois do seu nascimento. Em 1814 aos 17 anos, conhece o poeta Percy Bysshe Shelley. Casam-se após a primeira esposa de Percy ser encontrada morta em circunstâncias misteriosas.

Em 1818 o segundo e o terceiro filhos morrem. Em 1822, seu marido morre afogado durante uma tempestade na Baía de La Spezia. Morre aos 53 anos após viver os últimos 10 anos com um

tumor cerebral.
E somos conduzidos — sempre e poderosamente — pelo trágico e magnífico universo Mary-Shelleyano. E a dor dela é arremessada em nossa direção: "Órfão é o nome para quem perde os pais? Mas que nome se dá a quem perde os filhos?" Eis "Frankenstein" — despertando — para a vida e para nós. Toca-nos. Ri (connosco). Excitação — Música. Raiva. Medo. Rejeição. Descoberta. Dor. Espanto. Buzinas. Sirenes...

E retorna Shelley — confessando — "sempre convivi com a morte e a vida". E ao leme de tudo está Bruna Longo. Uma atriz que inunda o palco. O bárbaro trabalho físico e emocional. O figurino metamorfoseando entre Shelley e Frankenstein (ou vice-versa). O ambiente. O(s) corpo(s). O riso. As lágrimas. Tudo se via e foi tangível. O teatro é isto — vibração e entrega!

Os adereços — eloquente plasticidade! — (cabeças, bebês, correntes, pá, lâmpadas, baús... — a presentificação do passado)!

E quem será maior — "criadora" ou "criatura"? Poder-se-á vencer a morte?

Imponente — sem dúvida — a obra-prima de Bruna Frankenstein Longo Shelley — e a equipa! O teatro, a obra, a "criadora" e a "criatura" estão vivos e mais presentes do que nunca!



TRANSLATION

Diário Mindelact 2022 – Cabo Verde

Airton Ramos

November 2022

The audience walks in. Sits down. Curious looks. The lights die. On stage, an actress – “creator and creature”. The voyage proposed by the play is the friction between the novel Frankenstein, or the Modern Prometheus, and the life of its author Mary Wollstonecraft Godwin (Shelley). And the performance irrupts with a scream – that unsettles and dilacerates us. A (de)constructed narrative – like a puzzle – about HER and HIM!

Mary Wollstonecraft Shelley was born in Somers Town, London, august 30th, 1797. Her life is stained by the shadow of death. Mary’s mother died 10 days after giving birth. In 1814, 17 years-old, she meets the poet Percy Bysshe Shelley. They get married after Shelley’s first wife is found dead under suspicious circumstances.

In 1818 her second and third children die. In 1822, her husband drowns during a storm on La Spezia By. Mary dies at 53, after ten years living with a brain tumor.

And we are conducted – always and powerfully – through the tragic and magnificent universe of Mary Shelley. And her pain is thrown our way: “Orphan is the name to someone who loses a parent, but what is the name for those who lose their children?”. Here’s Frankenstein – awakening – to life and to us. It touches us. Laughts (with us). Excitement. Music. Anger. Fear. Rejection. Discovery. Pain. Fright.

And Shelley returns – confessing – “I always coexisted with death and life”. And at the helm of all of it is Bruna Longo. And actress that flooded the stage. The amazing physical and emotional work. The costumes, metamorphosing Shelley and Frankenstein (or vice-versa). The ambiance. The bodies. The laughter. The tears. All was seen and all was tangible. That’s theatre – vibration and surrender! The objects – eloquent plasticity! – (heads, babies, chains, shovel, lamps, trunks... - presentification of the past)! And who is bigger – “creator” or “creature”? Can we beat death?

Imposing – no doubt – the masterpiece of Bruna Frankenstein Longo Shelley – and the creative team! The theatre, the novel, the “creator”, and the “creature“ are more alive and present than ever!

